

O BARÃO JORGE HENRIQUE DE LANGSDORFF

(Georg Heinrich von Langsdorff)

1774 - 1852

O Acadêmico JORGE HENRIQUE DE LANGSDORFF (Georg Heinrich von Langsdorff) nasceu a 18 de abril de 1774, em Laisk, na Suabia, segundo umas informações, ou em Brisgau, no Grão-Ducado de Baden, segundo outras, formara-se na Universidade de Göttingem (Göttingen) em medicina, e seguiu, em 1797, quando contava 23 anos de idade, o príncipe de Waldeck para Portugal, onde introduziu a prática da vacinação. Também dedicou-se ao estudo das ciências naturais. Em Portugal, — segundo suas próprias palavras — abriu-se um vasto campo de observações e satisfação da ardente sede de conhecimentos e, que se abrasava o jovem cientista. Formou rapidamente amplo círculo de conhecimentos e conquistou a confiança de seus pacientes — alemães, ingleses e portugueses.

Antes de seguir para Portugal, Langsdorff defendeu tese sobre obstetrícia, publicada sob o título: "Commentatio medicinae obstetriciae sistens phantasmarum sive machinarum ad artis obstetricia facientium vulgo Fantomae dictorum brevem historiam, que teve também, ao que parece, interesse etnográfico. A prática da medicina lhe deixava algumas horas diárias para as pesqui no terreno da história natural, aproveitando a inesgotável reserva de exemplares que encontrou na natureza. O interesse de Langsdorff estava longe de circunscrever-se a sua especialidade e à botânica.(1)

Em 1800 G.H.Langsdorff publicou dois trabalhos: um foi o "Narchrichten aus Lissabon über das Weiblich e Geschlecht, die Geburten und Entbindungskunst in Portual", em alemão, evidentemente vinculado, pelo conteúdo, no tema da tese em latim; outro foi o "Observações sobre o melhoramento dos hospitais em geral" por G.H. Langsdorff, médico do Hospital da nação alemã em Lisboa, etc., em português, contendo a descrição da experiência de um plano de organização de confortável hospital, que compreende desde o edifício até os formulários para registro da evolução da enfermidade do paciente. É digno de menção o fato de que durante os dois anos e pouco de sua permanência em Portugal, Langsdorff dominou de tal modo o idioma, que já podia escrever livros em português.

(Anotações para o rodapé da página)

- (1) As notas biográficas de Georg Heinrich von Langsdorff, foram extraídas das publicações de Estevam Leão Bourroul "Ensaio histórico-literário" publicado em 1900. - Alfredo D'Escragnolle Taunay - Visconde de Taunay - in "A Expedição do Cônsul Langsdorff ao Interior do Brasil", in "Revista Trimestral do Instituto Histórico Brasileiro, 1875, tomo XXXVIII, Sec. 1. pág.340. "A Expedição do Acadêmico G.I.Langsdorff ao Brasil (1821-1828)" G.G. Manizer - edição postuma organizada por B.G. Aprintsin,

Em 1801, Langsdorff tomou parte na campanha das tropas inglesas contra os espanhóis. Depois da paz de Amiens, Langsdorff voltou-se para o trabalho científico e reatou suas ligações com os círculos de cientistas, mantendo relações de amizade com os homens de ciência franceses Hatty, Oliver, Base, d'Antin, Latreille, Geoffroy, Prognard, Dumeril e outros.

Em 1803, segundo a Relação dos Membros da Academia de Ciências, de B.L. Modzalievsky, Langsdorff foi efetivado como membro-correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo (como "Doutor em Medicina, Lisboa").

Depois da morte do príncipe Waldeck, Langsdorff voltou para a Alemanha, oferecendo os seus serviços ao governo da Rússia, tendo sido contratado, tomou parte na expedição do capitão Krusenstern (Kuzennxtern) e acompanhou-o até a Kamtchatka, em 1803, regressando à Europa pela Sibéria em 1807.

Com que ardor e seriedade dedicou-se Langsdorff a sua tarefa de pesquisador e quão amplo era seu horizonte, pode-se verificar pela leitura de seu livro, em dois tomos, ^{"Bemerkungen"} ~~"Bemerkungen"~~ auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807, aparecido numa luxuosa edição ilustrada, em 1812, em Frankfurt - sobre-o-Meno, e no ano seguinte - 1813 - reproduzido numa edição barata.

Depois de breve estada em Palmouth e nas Ilhas Canárias, o Nadiejda e o Nieva (navios que estavam viajando) se demoraram de 20 de dezembro de 1803 a 4 de fevereiro de 1804 no litoral da ilha de Santa Catarina (Brasil). Isso possibilitou a Langsdorff dedicar-se atentamente à caça de mariposas e realizou freqüentes excursões a beira de florestas. O conhecimento da língua portuguguesa permitiu-lhe em uma mês e pouco, não só faltar-se de admirar as riquezas naturais, o canto dos pássaros desconhecidos e o aspecto de plantas e animais igualmente desconhecidos, como também conhecer de perto a população e seus hábitos que, em muitos pontos, o surpreenderam pela diferença em relação aos hábitos da metrópole (nesse tempo o Brasil ainda era colônia de Portugal).

A 4 de fevereiro a expedição deixou o Brasil — "país dos mais admiráveis e riquíssimo" — como a ele se referia Langsdorff, ajuntando: "A lembrança de minha permanência ali permanecerá indelével para toda a vida". A 6 de maio, o Nadiejda, em que viajava Langsdorff, passou pela ilha de Páscoa, chegou às ilhas Marquesas e demorou-se dez dias em uma das baías de Nukahiva.

~~A 7 de junho de 1804 o Nadiejda e o Nieva alcançaram as ilhas Sandwich (Havai), que começavam a desempenhar significativo papel na história da exploração brasileira - publicação de Brasiliana, Vol. 329, da Companhia Editora Nacional - 1967)~~

Tradução de Osvaldo Penalva - publicação de Brasiliana, Vol. 329, da Companhia Editorial Nacional. - 1967).

A 7 de junho de 1804 o Nadiejda e o Nieva alcançaram as ilhas Sandwich (Havai), que começavam a desempenhar significativo papel na navegação pelo Grande Oceano. O Nadiejda prosseguiu viagem sozinho, e em meados de julho atingiu Petropávlovsk, na península de Kamtchatka.

A 7 de setembro de 1804, o Nadiejda de novo se fez ao mar, rumo ao Japão, conduzindo o embaixador Riezanov, chegando a Nagasáqui no dia 8 de outubro, sendo que somente em 17 de dezembro foi permitido ao embaixador e seus acompanhantes, entre os quais se achava Langsdorff, descerem de bordo e instalarem-se na ~~xxxxxxxxxxxx~~ casinhola especial, isolada, Megassaki. Ali, debaixo de chave e sob vigilância continua, impedidos de ter contacto com a população, eles permaneceram até o mês de abril. "Fomos privados até — diz Langsdorff — de toda possibilidade de trabalhar pela ciência. Nada conseguindo e inclusive não podendo ver de perto a cidade de Nagasáqui, a embaixada regressou a Kamtchatka a 16 de abril de 1805.

A 4 de julho o Nadiejda chegou a Petropávlovsk. Ai Langsdorff teve de escolher entre dois trajetos a fazer — ou prosseguir viagem no Nadiejda ou aproveitar a oferta de Riezanov, que queria levá-lo consigo como médico às ilhas Aleutas e à costa oeste-setentrional da América do Norte, aonde ia tomar posse da Companhia Russo-Americana. Riezanov propunha um acordo por escrito em condições vantajosas, proporcionando toda sorte de cooperação às suas pesquisas científicas.

G.H. Langsdorff optou a favor da América, porquanto considerou seu dever perante a Ciência não deixar escapar tão inusitada e rara viagem, ainda mais em condições que pareciam tão propícias.

Como ponto final da viagem, propôs-se primeiro a ilha Kodiak. Na manhã de 28 de junho de 1805, a galeota Maria, com Riezanov, Langsdorff e alguns oficiais, mais a equipe de industriais, fez-se ao mar, sendo que a caminho visitaram as ilhas Unalasca e São Paulo, com parada na ilha Unalasca, onde havia, da mesma forma que na ilha São Paulo, um posto da Companhia Russo-Americana. A sede de administrador geral da Companhia, A.A. Baranov, se encontrava então na ilha de Sitka, e Riezanov rumou, atrás dele, para esses novos domínios russos.

Partindo a 20 de agosto da ilha Kodiak, a galeota Maria já a 26 estava em Norfolk-Sound, e Baranov hospitaleiramente recebeu os visitantes. Em Novo-Arkhangelek, eis como se chamava essa povoação, que mal começava a ser erguida, não se encontrava viveres suficientes para a internada.

As duas condições invernais forçaram Riezanov a empreender nova viagem — em busca de viveres — a Nova Albion, ou Nova Califórnia, precisamente ao porto de São Francisco.

Após malogradas tentativas de penetrar na embocadura do rio

Columbia, o navio Junona (Juno) entrou, em fins de março de 1806, na baía de São Francisco.

Regressando a 8 de junho de 1806 a Sitka, ali encontrou um ca-lhambeque de 22 toneladas, que devia, sob comando do americano Wolf, ir a Okotsk. Langsdorff juntou-se a ele. "Já aguentei Sitka sufici-entemente; fartei-me de peixes, focas e caracóis..." "Raramente se entoa o Te Deum laudamus com maior sentimento de gratidão do que a-quêle que me fervia na alma ao partir para a Europa". "Parecia-me que a respiração se tornava mais leve ao perdermos de vista o monte 'Edgecumbe' (já entrada de Norfolk-Sound).

Após a visita à baía de Cook, no Alasca, e a segunda visita à ilha Unalasca, Langsdorff chegou a 13 de setembro de 1806 a Prtro-pávlovsk. Tendo-se adiantado a chegada do inverno, nesse ano, te-ve de passar essa estação fria naquele lugar.

A 14 de maio daquele ano, o Rostilav fez-se de novo a caminho, e a 15 de junho os viajantes chegavam a Okotsk.

Ali Langsdorff equipou uma caravana de 13 cavalos, com tropei-ros iacutos, que pôde chegar até Iakutsk graças às provisões por ê-le trazidas da América em sua bagagem.

Durante a navegação que empreendeu, descendo o rio Aldana, Lan-gsdorff pôde conhecer mais de perto os iacutos e observar seu modo de vida. Surpreendeu-o a variedade de aplicações que este povo faz da casca de bétula; despertou-lhe observações que aqui transcreve-mos na integra. -

"É digno de assombro notar examinando-se várias nações ainda incultas, como elas sabem provar quase todas as suas necessidades com uma única e simples coisa fornecida pela natureza.

"Para muitos insulanos dos mares do Sul o bambu é tudo. Os aleu-tas, esquimós e outros povos dificilmente poderiam subsistir sem as baleias e as focas. Os tchuktchas e coriaques, lapões, samoiedos e outros habitantes das terras do Norte vivem quase exclusivamente de alces e sabem aproveitar inclusive o musgo do ventre desses animais. Para os buriatos, quirguises e muitos povos da estepe, as ovelhas são absolutamente necessárias: elas fornecem-lhes roupa, alimenta-ção, vivenda, etc. O iacuto ^{supre} ~~supre~~ a maior parte de suas necessi-dades com o cavalo e a bétula".

De Iakutsk a Irkutsk subiram pela Lena. De Irkutsk, Langsdorff dirigiu-se à fronteira chinesa — Kiakta — e depois prosseguiu seu caminho. Ao chegar a Tobolsk, foi tão carinhosamente recebido pelo governador-geral, o famoso Pestel, que ali permaneceu como seu hós-pede de 11 de dezembro de 1807 a 22 de fevereiro de 1808. A 16 de março, G.H. Langsdorff chegou, através de Kazan e Moscou, a Sãope-tersburgo.

A 24 de julho, foi nomeado para elevada função de assistente

em Botânica, na Academia de Ciências. A infatigável aspiração de viajar não abandonou Langsdorff. Mal regressara da viagem ao redor do mundo, já se aprestava, como médico e cirurgião, a participar numa caravana que devia partir de Orenburgo para Samarcanda e Bucara.

A 17 de novembro, G.H. Langsdorff chegou a Orenburgo, mas ali soube que a expedição seria formada somente no ano seguinte. Langsdorff dirigiu-se ao príncipe Volkonskem perguntando como poderia obter permissão durante esse tempo para ir ao exterior (ver em Protocolos carte de Langsdorff, datada de 14 de dezembro de 1808, de Gorenk, lida na Sessão de 11 de janeiro de 1809). Devendo regressar em agosto do ano vindouro, Langsdorff pleoteou com êxito, a obtenção de férias, junto ao Ministro do Comércio, príncipe Saltikov.

Partindo para o exterior (com destino a Estrasburgo e Göttingen), Langsdorff propôs à Academia que o encarregasse na compra de livros, instrumentos, coleções, etc. (carta de Moscou, 14/XII/1808); além disso, ele já tinha a intenção de editar alguns de seus apontamentos sobre botânica (desenhos de novas espécies de embriões) já prontos para a publicação, e pediu permissão para fazer isso no exterior (carta de 30/XII/1808).

Jorge Henrique de Langsdorff regressou do estrangeiro no dia 21 de junho de 1809 e desde então assiduamente passou a comparecer às Sessões da Academia e fez dissertações sobre zoologia e botânica: numa das Sessões apresentou o relatório Beschreibung neuer Fischarten; a 6 de setembro, leu Naturhistorische Beiträge. Nesse mesmo dia se publicou sua nomeação como assistente em zoologia. A 4 de outubro, fez um relatório com observações ornitológicas. A 12 de novembro — Verzeichniss der Vögel im October; a 6 de dezembro — idem, im November, etc. A elaboração dos materiais da viagem ao redor do mundo tomou também, é claro, muito tempo. Em 1810 ele começou, juntamente com Fischer, a publicação de uma grande trabalho versando a botânica, que se prolongou por alguns anos, sob o título: Plantes recueillies pendant le voyage des Russes autour du monde par Langsdorff et Fischer, Tübingen, 1810-1818. Anteriormente publicara juntamente com Horner as observações barométricas horárias nos trópicos.

Em Petersburgo ele concluiu, a 1a de junho de 1811, sua obra em dois tomos sobre a viagem ao redor do mundo, mais de uma vez citada aqui. No ano seguinte, essa obra apareceu numa suntuosa edição, ~~max~~ anunciada aos que se haviam comprometido a adquirir seus exemplares.

A 12 de abril de 1812 Langsdorff foi nomeado acadêmico extraordinário em zoologia; a 17 de junho, acadêmico extraordinário em botânica.

NOMEAÇÃO DO BARÃO JORGE HENRIQUE DE LANGSDORFF, CONSUL-GERAL
DA RÚSSIA NO RIO DE JANEIRO - BRASIL

Em setembro (ou dezembro) de 1812, provavelmente de acôrdo com seu próprio desejo, o Barão Jorge Henrique de Langsdorff foi nomeado Consul-Geral da Rússia no Rio de Janeiro, Brasil, conservando-se seu título e seus honorários de acadêmico.

É difícil crer que sua nomeação como cônsul no Brasil tenha sido ditada por quaisquer interesses comerciais da Rússia com o Brasil, — como afirma Cabany, referindo-se às "relações comerciais da Rússia com o Brasil"; ela deve ser vinculada, antes, à circunstância de que a Casa portuguesa dos Braganças, destituída por Napoleão, em 1808, proclamou império o Brasil, e o Rio de Janeiro se tornou assim residência do imperador e da Corte (2).

A partida do cônsul Jorge Henrique de Langsdorff para o Brasil deu-se em dezembro de 1812, chegando ao Rio de Janeiro em 5 de abril de 1813, levando 67 dias para cruzar o oceano.. Um mês após sua chegada, em carta datada de 7 de maio de 1813, notificou à Academia de Ciências que ainda não tivera tempo para ocupar-se de pesquisas científicas, fornecendo, entretanto, alguns títulos de trabalhos sobre botânica, publicadas no Rio de Janeiro, e finalmente descreveu a tribo indígena dos botucudos (Boticudo, como escreveu ele), que habita "entre as províncias de Minas Gerais e Rio Doce".

Em fins de agosto de 1813, chegou ao Rio de Janeiro, vindo de São Petersburgo, o ajudante e preparador Freireis, que lhe enviaram.

De 1813 a 1820, J.H. de Langsdorff enviou farta correspondência, relatórios e materiais científico para à Academia de Ciências de Petersburgo, sendo que nesse período realizou algumas excursões pelo interior das províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, com o fim especial de obter para a coleção peles de anta, "que nestes lugares (cerca de 18 milhas do Rio de Janeiro) não são muito raras". Juntamente havia enviado 100 peles de macacos, preguiças, marsupiais, etc.

A preocupação incessante de Langsdorff, durante os anos seguintes, de enviar sempre mais espécimes ao Museu da Academia de Ciências, facilitou bastante o crescimento desse Museu.

A situação interna do Brasil, após o tratado da Corte (1808), melhorou consideravelmente. Em 1813 iniciou-se o afluxo de colonos

Rodapé
da página.

(2) [Esta bem fundada conjectura de G.G.Manizer parece ainda mais provável quando se toma em consideração a situação política na Europa nos começos do século XIX e, em particular, a guerra entre a Rússia e a França].

ao novo império. Espanhóis, norte-americanos, irlandeses e alemães chegaram anualmente ao Brasil; preferiram estabelecer-se particularmente nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O Governo, que antes só cuidava dos interesses da Metrópole, passou a fomentar por todos os meios a colonização. Em 1818 elaborou-se o primeiro contrato (Gachet) para o estabelecimento de imigrantes, no qual se previa a remuneração dos gastos de viagem, a concessão de terra, animais, ferramentas de lavoura e toda espécie de privilégios aos recém-chegados. Entre as colônias que agora surgiram, alcançou um florescimento particularmente elevado a de Nova Friburgo, fundada em 1819, na Serra dos Órgãos (a 850 metros acima do nível do mar), na província do Rio de Janeiro.

O cônsul Jorge Henrique de Langsdorff, com surpreendente e renovado interesse — e de acordo com as exigências daquela sociedade, no seio da qual teve de viver e atuar — começou a trabalhar em prol da jovem população brasileira, que tanto o maravilhara desde os primeiros dias de seu contacto com o país. Ardorosamente, empreendeu a propaganda pela emigração para o Brasil. Posuindo também, por essa época, propriedade territorial na província do Rio de Janeiro, requereu férias ao governo russo, em 1820, e partiu para a Europa em busca de colonos para suas terras (fazenda "Mandioca"). Segundo James Henderson in "A History of the Brazil" 1828, Langsdorff, naquele tempo, habitava perto de Matacavalos, um pouco acima do aqueduto da Carioca, na montanha, ao pé do Corcovado, no pequeno vale das Laranjeiras, observa Maria Graham — "Journal of a Voyage to Brazil" - London - 1824 - sob a vertente da cadeia de morros que da cidade se estende para NE, como se lê no livro de Spix e Martius, que se mostraram encantados por tão poético bueno retiro no meio dos bosques, com magnífica vista sobre a cidade e parte da baía.

Durante algum tempo "Mandioca" foi o quartel general dos homens de merecimento, que Langsdorff convidara para desempenho da sua importante missão, a saber: o botânico Riedel, que morreu no Brasil com numerosa descendência, - Rubtsov, astrônomo e oficial da marinha russa, - Ch. Hasse, zoólogo, - Menetries, ornitólogo, e Rugendas, pintor, que desligou-se da expedição ainda no Rio de Janeiro.

Em novembro de 1820, ao chegar a Paris, publicou um folheto em forma de memória, visando a estimular a emigração para o Brasil, sob o título: "Mémoire sur le Brésil pour servir de guide à ceux qui désirent s'y établir", par M. le Chevalier G. de Langsdorff, Consul général de Russie au Brésil (20 págs.) etc. — Depois de Paris, visitou a Alemanha, publicando em Munique, em fevereiro de 1821, uma brochura sobre o assunto, mas bastante ampliada e com dados complementares. Intitulava-se: Bemerkungen über Brasilien mit gewissenhafter Belehrung für auswandernde Deutsche, Grosse, Heidelberg, 1821, contendo 107 páginas. Nessa brochura se publicava em apêndice o de-

creto do governo de D. JOÃO VI sobre os colonos (16 de março de 1820) e o Ansichten einer deutschen Colonisation in Brasilien, em que se citavam, a título de exemplo, as cláusulas de um contrato seu com colonos que ele pretendia levar para suas terras, etc.

Achando-se G.H. von Langsdorff em Petersburgo no começo de 1821, foi agraciado com o título de Conselheiro de Estado e com a Ordem de São ~~Vladimir~~ Vladimir e feito membro efetivo da Academia, tendo a 28 de março, na Sessão da Conferência da Academia, apresentado a ~~memória~~ mencionada memória, em francês, e uma amostra do euclásio brasileiro (Esmeralda primástica do Brasil) para o gabinete de mineralogia da Academia.

Antes de regressar a seu posto no Rio de Janeiro, o Barão de Langsdorff foi incumbido da missão, que coincidia inteiramente com os interesses de toda a sua vida, a realizar uma viagem pelo interior desta região da América do Sul. A. de Saint Hilaire conheceu Langsdorff em 1816 e diz que aprendeu com ele a viajar e que era a pessoa mais ativa e infatigável que jamais encontrou em sua vida. — Era esse o homem que o Czar ALEXANDRE I e o Governo da Rússia incumbiram de organizar uma expedição científica para estudar certas regiões do Brasil e de algumas repúblicas vizinhas. A 20 de junho de 1821, Langsdorff, informando a respeito à ~~Conferência~~ Conferência da Academia de Ciências, perguntou se não iria receber dela incumbências especiais, e pedia para tomar a serviço da Academia o entomólogo Menetrie, que desejava tomar parte na aludida expedição.

Jorge Henrique de Langsdorff regressou ao Brasil e só chegou ao Rio de Janeiro a 3 de agosto de 1822, levando consigo do sul da Alemanha e da Suíça 80 colonos.

Os três anos seguintes passou-os Langsdorff em breves excursões.

Em maio de 1824, Langsdorff, em companhia do pintor Johann Moritz Rugendas, empreendeu uma grande viagem à provincia de Minas Gerais. Dai resultou a coleção de notáveis paisagens, uma considerável quantidade de plantas e de material de zoologia.

Durante essa excursão visitaram Barbacena, São João del Rei, Mariana e Ouro Preto, Serra de Caraça, Vila de Caeté, Vila de Sabará, no rio das Velhas. Em Ouro Preto, Rugendas fez quatro desenhos de cabeças de índios maxacaris. Essa tribo, já naquele tempo, era conhecida apenas por alguns de seus remanescentes esparsos.

Langsdorff, no decorrer de vários meses de 1825, dedicou-se a elaboração definitivamente do plano da grande expedição ao interior do país, como também a composição de seus membros. Para ~~cumprir~~ cumprir cabalmente o encargo que lhe fôra cometido, tratou de congregar em torno de si homens de reconhecido merecimento e já firmada reputação. Assim, pois, convidou Ludwig (Luiz) Riedel, botânico, sujo

nome tomou depois tão honroso lugar na Flora Brasileira; Nestor Rubtsov, oficial da marinha russa, na qualidade de astrônomo; Christien Hasse, bom zoólogo e, finalmente, como desenhista, Johann Moritz Rugendas, pintor de incontestável talento.

Ao chegar esse distinto pessoal ao Rio de Janeiro, o desenhista Rugendas, por motivos particulares, pediu dispensa da missão a que se comprometera, indicando, contudo, para substituí-lo um artista em disponibilidade então, muito jovem em anos, mas de mérito e nomeada tão bem firmados que o convite tomou viso de verdadeiro pedido; era o realmente talentoso e promissor Aimé Adrien Taunay (Amado Adriano Taunay), que, chamado a preencher o lugar do primeiro desenhista, deixara vago o de segundo, atribuído então a Hércules Florence, que, na ocasião, fazia quase um ano e meio, trabalhava com o patricio Sr. Plancher, livreiro e editor, que imprimia o tradicionalissimo "Jornal do Comercio". Hércules Florence, certo dia, deu com o seguinte anuncio: "Um naturalista russo, tendo de fazer uma viagem no interior do Brasil, precisa de um pintor. Quem estiver nas condições, queira se dirigir ao Vice-Consulado da Rússia. Apresentou-se então Florence ao Barão Jorge Henrique de Langsdorff que o contratou como 2º desenhista, pois o aceitou sem quaisquer restrições ou delongas percebendo no moço, que tão decidido e confiante se lhe apresentava, os indizíveis traços de alguém com real merecimento, arrolavel, por conseguinte, entre os homens necessários. Hércules Florence exercendo as funções de desenhista juntamente com Amado Taunay, também foi o autor do diário de viagem, que denominou "VIAGEM FLUVIAL DO TIETE AO AMAZONAS", traduzido em parte pelo Visconde de Taunay, o qual publicou na "Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil", tomo XXXVIII, em 1875.

Com referência a Amado Adriano Taunay, diz seu sobrinho o grande Visconde de Taunay, na tradução do Esboço da Viagem do Sr. Langsdorff, redigida por Hércules Florence, o seguinte: "Antes de prosseguir seja-me lícito, como sobrinho daquele notável e malfadado mancebo que na expedição devia encontrar tristissima e prematura morte, seja-me lícito recordar os antecedentes que davam plena justificação à honrosa lembrança de Rugendas.

"Havendo, em 1815, o Príncipe Regente, logo depois rei D. JOÃO VI, chamado ao Brasil, por intermédio do seu encarregado de negócios em Paris, uma colônia de artistas francezes. Nicolau Antonio Taunay, barão de Taunay, membro do Instituto de França e distinto pintor da escola franceza, decidiu-se, à vista da instabilidade das cousas politicas de sua pátria, a transportar-se com toda a familia e à sua custa para o Rio de Janeiro.

"Cinco filhos o acompanharam, entre esses Amado Adrien Taunay que então tinha doze anos de idade; cinco filhos todos artistas de coração e de eminentes qualidades intellectuais e morais. ~~Entre-~~

tanto tal era a vocação do mais moço para as belas-artes, tal sua aptidão e gênio que bastaram três anos da elevada disciplina de seu pai e mestre, para que começasse a ser admirado, não só pela família, mas por quantos assistiam ao desabrochar do seu talento excepcional".

"Tal éra o talento do artista que Langsdorff convidou para fazer parte da sua expedição científica.

"Amado Adriano Taunay, artista jovem em idade mas de talento comprovado, instado vivamente pelo Barão de Langsdorff, aceitou o honroso convite. E antes nunca houvesse cogitado em semelhante expedição! O desventurado e brilhante artista estava fadado para ser a vítima de sua dedicação à ciência, em regiões inhospitas, longe dos carinhos de idolatrada família, vindo a falecer no dia 5 de janeiro de 1828, aos 25 anos de idade incompletos, nas águas revoltas do rio Guaporê, conforme relata Riedel, em carta datada de 10 de março daquele ano".

PARTIDA DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA DO RIO DE JANEIRO

Hércules Florence inicia o seu diário de viagem da seguinte forma:

"VIAGEM FLUVIAL DO TIETE AO AMAZONAS"

Pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará

"A 3 de setembro de 1825, partimos do Rio de Janeiro. Um vento fresco ajudou-nos a vencer, em 24 horas, a travessia de 70 léguas até Santos, e isto constituiu dupla vantagem, porque a embarcação conduzia, também, 65 negros novos, infeccionados por sarna que os cobria totalmente, etc."

Os expedicionários desembarcaram em Santos, donde saíram, vinte dias depois, para o interior.

O plano inicial da expedição fôra seguir por terra o caminho de Santos a Goiaz, com destino a Cuiabá; entretanto essa direção, por motivos de economia, foi abandonada, e Langsdorff decidiu ir embarcar em Porto Feliz no rio Tietê, afim de aproveitar a comunicação fluvial que, com a curta interrupção de duas léguas e meia de varadouro, leva à capital de Mato Grosso.

No dia 22 de junho de 1826 a expedição partiu de Porto Feliz rumo a Cuiabá. Um dos membros, porém, o zoólogo Christien Hasse, desculpando-se com a necessidade de efetuar seu casamento com a filha de um dos moradores do lugar, despediu-se dos companheiros e demitiu-se de suas funções.

Esse desfalque, embora sensível, podia ser preenchido pelo próprio cônsul Langsdorff, cuja especialidade era justamente a Zoologia e mais particularmente a entomologia; assim, pois, embarcou a expedição em duas grandes canoas chamadas Peroba e Chimbô, três batelões e duas canoinhas, tripuladas todas por perto de 40 pessoas e,

após festivas despedidas da população que acudira à margem do rio, deixou no dia marcado as praias de Porto Feliz.

Após sete meses e meio de viagem e vencidas 530 léguas pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá; e 114 cachoeiras, atingiu a expedição científica o suspirado porto de CUIABÁ, onde foi recebida com toda a benevolência e amabilidade pelo presidente da província de Mato Grosso, Major de engenharia, JOSÉ SATURNINO DA COSTA PEREIRA e hospedada no palácio do governo.

Da capital de Mato Grosso fizeram várias excursões, das quais as mais importantes foram até a vila de Guimarães e Vila Maria.

De Cuiabá remeteu Langsdorff para São Petersburgo, por intermédio do negociante Angelini e do vice-cônsul da Rússia no Rio de Janeiro Kúlchen, grande e curiosa cópia do resultado de suas observações e pesquisas, figurando na coleção 60 desenhos de Hércules Florence e Amado Taunay e diversos herbarios que o sábio Fischer acolheu na Europa com lisonjeiro aplauso.

"Nesse tempo — discreve o Visconde de Taunay — porém, o chefe Langsdorff, entregando-se às irregularidades de uma vida que encontrava fácil expansão nos costumes, então bastante livres, da cidade de Cuiabá, não só se tornara motivo de desgostos para seus companheiros, senão também fazia recear que, como infelizmente se realizou, estivesse caminhando para um estado deplorável de perturbação nas faculdades mentais.

"Ou pela relutância em recomeçar com os aborrecimentos das grandes viagens, ou pelo atrativo da comodidade e gozos que encontrava em Cuiabá, não foi sem custo que ele decidiu-se a deixar aquelle ponto a 5 de dezembro de 1827.

"Continuara a expedição dividida em duas secções, uma, composta do chefe, Rubtsov e Florence, caminhou para o Norte até à vila de Diamantino a 32 léguas da capital; a outra, de Riedel e Taunay, havia saído e tomado para O. com destino à Vila Bela de Mato Grosso (antiga capital da província), distante uma 100 léguas. Estes deviam embarcar no rio Guaporé e, pelo Mamoré e Madeira alcançar o Amazonas, ao passo que os outros, partindo de Diamantino em época previamente marcada, desceriam os rios Preto, Arinos, Jarucna e Tapajós, indo, logo que chegassem à villa de Santrém, para a da Barra do Rio Negro ou Manaus, que era o ponto de encontro comum. Daí, todos juntos, seguiriam pelo rio Negro acima até ao canal de Cassiquiri, entrariam no Orinoco e iriam correr as Gianas.

"Este belo plano não pôde realizar-se pelos terríveis e inesperados incidentes que desgraçadamente sobrevieram em ambos os grupos da comissão exploradora".

Na vila de Diamantino, foi o sofrimento mental de Langsdorff se agravando cada vez mais.

Vinte dias antes do que marcara, precipitou Langsdorff a partida de Diamantino, navegou o rio Preto, entrou no Arinos e durante vários meses a expedição permaneceu no posto dos índios Apiacás, onde todos os integrantes foram acometidos de terríveis febres, das quais alguns morreram e outros ficaram para sempre afetados em sua saúde, como aconteceu com Rubtsov que em São Petersburgo ainda tinha as pernas trôpegas e mal podia andar.

O Porto de Rio Preto, ponto de embarque para Santarém, é um lugar triste; o rio estreito e de cor escura, o que lhe dá o nome; o terreno humido; o ar carregado. As febres ali grassam de continuo.

Além das intermitentes, existe outra molestia pior ainda, a qual é conhecida como corrupção ou maculo.

O Cônsul Langsdorff e Rubtsov, e mais oito camaradas, foram logo atacados das sezões; e pouco depois o número dos doentes ascendeu a quinze. Este ataque de febre violenta debilitou ainda mais o organismo de Langsdorff, já afetado em sua essência como já foi narrado.

Quando os expedicionários aportaram à margem esquerda do rio Arinos, onde estava situada a maloca dos Apiacás (grande rancho que serve para todos os moradores do lugar), deu-se, ali um incidente, que Hércules Florence nos conta muito por alto, e sobre o qual o Visconde de Taunay insiste bastante, para provar o estado da mentalidade do chefe da expedição.

"Tendo aparecido, numa extensa praia, grande número desses selvícolas, e no meio deles um com certos distintivos vistosos de capitão, julgou o bom do Cônsul Russo, que devia também envergar o seu grande uniforme e lá foi para terra metido em farda de gala, espadim ao lado, chapéu armado à cabeça e condecorações ao peito.

"Imagine-se a figura no meio daquêles indígenas nus em pelo, que mostravam fundo pasmo e bestial alegria ao contemplarem tamanha ostentação e esbugalhavam os olhos ante tantos bordados a ouro e brilhantes teteias.

"Final uma india perguntou por gestos si aquilo era vestimenta ou a própria pele de tão alto personagem, e, melhor informada, pediu para elle lhe emprestasse por um pouco. Langsdorff, que não resistia aos caprichos do belo sexo, civilizado ou não, imediatamente despiu a farda e a passou à rapariga, que de golpe nela se enfiou, passeando muito ufana com o seu singular adorno, enquanto o cônsul ficava em mangas de camisa, mas com calças de galão, espadim e chapéu armado.

"Nem parou aí a aventura.

"De repente, a india disparou para o mato, seguida de todos os

mais, e o expoliado poz-se a correr como um desesperado atraz da sua veste de gala, na maior e mais grãtesca furia. E a comissão perdeu dois dias á espera de uma restituição que naturalmente não se deu.

Nesse lugar fatal, apagou-se quasi totalmente a intelligência do cõsul Langsdorff. Tendo perdido a memõria, praticava atos desatinados que compungiam tristemente o coração de seus leais ed dedicados subordinados. Já sem chefe, decidiram Rubtsov e Florence descer o Juruena e Tapajós, afim de mandarem o infeliz cientista para o Rio de Janeiro sem mais perda de tempo. Assim fizeram e, chegando á vila de Santarém em principios de 1829, despacharam um próprio para a barra do Rio Negro, dando ao botânico Riedel conta de tudo quanto sucedera. Regressaram ao Rio de Janeiro, onde chegaram no dia 13 de março de 1829. A conselho médico, Langsdorff embarcou para a Europa no dia 27 de abril de 1830 afim de submeter-se a tratamento ali. Fisicamente, melhorou com grande rapidez e foi instalar-se em Friburgo, mas não pôde mais recuperar seu vigor mental.

O Barão Jorge Henrique de Langsdorff, ex-cõsul da Rússia no Rio de Janeiro, chefe da malograda expedição científica pelo vasto interior do Brasil, foi depois transportado para seu canto natal, Laisk, na Suabia, onde viveu, ou melhor, vegetou até o dia 29 de junho de 1852, data de seu falecimento, com a idade de 78 anos. Desde 1831, por adjudicação do Acadêmico B.L. Modzelievsky, junto a Academia de Ciência de São Petersburgo, recebeu uma pensão vitalícia de 11.000 rublos que o governo da Rússia, o Imperador Nicoláo I lhe pagou generosamente, apesar do mau êxito de sua expedição.

Os gastos da expedição não foram pequenos, atingindo cerca de 88.000 francos, representando soma assaz avultada naquela época. A prestação de contas foi laboriosa. A expedição, uma vez dissolvida, os seus membros se dispersaram e o silencio se fez, lugubre e sombrio, sobre uma comissão científica notabilissima e heroica no seu tempo, — até que um brasileiro illustre, Visconde de Taunay conseguisse arrancar do pó do esquecimento os preciosos rascunhos de Hércules Florence, traduzindo-os e publicando pela vez primeira no ano de 1875, na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Hoje, graças ao dedicado e meticoloso trabalho de tradução total do diario de viagem de Hércules Florence, executado fielmente por Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence, podemos divulgar em todos os seus detalhes a tão decantada e famosa EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA chefiada pelo médico e cientista de nomeada GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF.



ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.